



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

**MARIA ORLANDINA BATISTA PAIXÃO.**

**O COMPORTAMENTO SOCIAL DA PERSONAGEM LUZIA EM *LUZIA HOMEM* DE  
DOMINGOS OLÍMPIO.**

**ABAETETUBA-PA**

**2017**

MARIA ORLANDINA BATISTA PAIXÃO

**O COMPORTAMENTO SOCIAL DA PERSONAGEM LUZIA EM *LUZIA HOMEM DE DOMINGOS OLÍMPIO*.**

Artigo apresentado ao curso de Letras da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba, em cumprimento a exigência para a obtenção do título de graduada em Letras – Língua Portuguesa, orientada pelo Prof<sup>o</sup>. Me. Garibaldi Nicola Parente.

**ABAETETUBA-PA**

**2017**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

P142c Paixão, Maria Orlandina Batista.  
O comportamento social da personagem Luzia em Luzia  
homem de Domingos Olímpio / Maria Orlandina Batista Paixão. —  
2017.  
19 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Garibaldi Nicola Parente  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de  
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2017.

1. Literatura brasileira . 2. Realismo . 3. Sociedade . 4.  
Mulher . 5. Comportamento . I. Título.

CDD 869.9

---

MARIA ORLANDINA BATISTA PAIXÃO

**O COMPORTAMENTO SOCIAL DA PERSONAGEM LUZIA EM LUZIA HOMEM DE DOMINGOS OLÍMPIO.**

Artigo apresentado ao curso de Letras da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba, em cumprimento a exigência para a obtenção do título de graduada em Letras – Língua Portuguesa, orientada pelo Profº. Me. Garibaldi Nicola Parente.

Data de aprovado em: \_\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profº. Me. Garibaldi Nicola Parente – Orientador

---

Integrante da Banca Examinadora

---

Integrante da Banca Examinadora

**ABAETETUBA-PA**

**2017**

*In memoriam*  
**Aos meus avós Ana Pojo Batista e  
Sebastião Batista, com imensa saudade.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a DEUS por tudo, principalmente pela mãe MARAVILHOSA e companheira Maria Alice Pojo que me auxiliou e que muito orou por mim.

Ao querido irmão José Pojo Batista, minha cunhada Janaína Batista e Jeremias Tenório (meu irmão de outra mãe) por suas orações.

Ao meu amado esposo Melquizedeque Paixão, por tanta força, carinho e compreensão.

Ao meu amigo e irmão em Jesus, Arley de Jesus Gordo que em 2012 foi um grande incentivador.

Aos meus familiares, amigos, irmãos Adventistas que também oraram por mim.

E agora o imenso agradecimento ao meu querido Professor e Mestre Garibaldi Nicola Parente que muito me tranquilizou e orientou nessa jornada.

E as minhas felicitações aos meus colegas da turma de Letras – Língua Portuguesa 2013, em especial a minha equipe: Cláudia Pires, Diana Mottes e Natália Seki.

**RESUMO:** O objetivo do artigo, O comportamento social da personagem LUZIA em *LUZIA HOMEM* de Domingos Olímpio, é apresentar a figura da mulher, utilizando a personagem Luzia da obra *Luzia Homem* de Domingos Olímpio (1903), como base para ilustrar o comportamento feminino dentro do contexto social nordestino do século XIX. Como revelam as ações contrárias às convenções do período e mostrar como a mulher é tratada e se seu comportamento está de acordo com o que se esperava na época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Brasileira. Realismo. Sociedade. Mulher. Comportamento.

**ABSTRACT:**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1. O REALISMO E A OBRA E DOMINGOS OLÍMPIO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. ANÁLISE DA OBRA <i>LUZIA HOMEM</i>.....</b>	<b>10</b>
2.1. A OBRA.....	10
2.2. O PADRÃO DO COMPORTAMENTO FEMININO NO SÉCULO XIX.....	11
2.3. LUZIA E A AUSÊNCIA DOS PADRÕES EM SEU COMPORTAMENTO.....	13
2.4. REFLEXÃO SOBRE O COMPORTAMENTO SOCIAL DE LUZIA. ....	14
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>17</b>
<b>4. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>19</b>

## INTRODUÇÃO

Através da história constatamos que o sexo feminino, no século XIX, não possuía direito algum e como não pode opinar em nada, nem em sua própria vida. Essa situação é algo que através da Literatura, podemos levantar discussões sobre questões sociais ainda consideradas tabus na sociedade contemporânea. O exemplo disso tem a obra *Luzia Homem* de Domingos Olímpio, como uma obra literária pode e deve servir de base relevante para mostrar o comportamento que a sociedade espera da mulher no contexto nordestino do século XIX, averiguando como as personagens femininas da obra agem dentro do contexto social e assim, levantar essa discussão, sobre o comportamento que a sociedade esperava da mulher; como as personagens femininas da obra agem dentro do contexto social nordestino do século em questão.

Ao observarmos que dentro de uma sociedade patriarcal, o comportamento que se esperava da mulher nessa época, era de total submissão, mas, nessa obra, encontramos a personagem Luzia que tem ações que se contrapõem a essa expectativa.

Algumas personagens femininas dentro do contexto social da obra revelam-se bem subversivas, principalmente a protagonista da história, cujas ações dão base para o título da obra de Domingos Olímpio (1903).

Este trabalho analisa a obra *Luzia Homem* de Domingos Olímpio (1903), buscando os fragmentos da publicação de 1983, que possam ilustrar o comportamento das personagens femininas dentro do contexto social nordestino do século XIX, que revelam as ações contrárias às convenções do período e mostra como a mulher é tratada dentro do contexto histórico, como as mulheres agiam e se esse comportamento está de acordo com o que se esperava na época.

Este trabalho será mediante a análise interpretativa da obra, com base em alguns estudiosos e seus escritos sobre essa temática: como Coutinho (1987), Cândido (2006), Santos e Sacramento (2011), Moisés (2013), entre outros que foram de grande importância como base para abordar esse assunto sobre o comportamento da mulher, ilustrado com a obra de Domingos Olímpio (1903).

## 1. O REALISMO E A OBRA DE DOMINGOS OLÍMPIO

O século XIX, com a evolução da Ciência, Mendel e Darwin na Biologia, das máquinas, a Revolução Industrial e muitas outras áreas. Tudo isso, extrai a idealização romântica e a literatura que surge, procura expressar objetivamente a realidade. O Realismo no Brasil foi o movimento artístico que se desenvolveu na segunda parte deste século e foi marcado por uma forte abordagem sobre a realidade humana, suas mazelas sociais como a fome, a seca, a brutalidade humana, o adultério e outros problemas psicológicos. As obras surgem com uma linguagem clara e objetiva. Seguindo a linha Realista, temos o naturalismo, como sendo uma das correntes realistas, com a mesma objetividade, porém, sem o conteúdo ideológico.

Ao se tratar de literatura, as obras são de caráter social e psicológico, abordando temas polêmicos para a sociedade do século XIX. Segundo a definição que Moisés (2013. p.191) faz sobre o movimento e sua corrente em Portugal e vemos que no Brasil seguisse o mesmo molde:

[...] O realista estaca, desinteressado e repelido por um espetáculo que julga moralmente asqueroso e digno de combate; o naturalismo invade os aposentos a fim de examinar as nuanças e os caprichos do encontro patológico que se desenvolve ante seus olhos impassíveis e superiores. (MOISÉS, 2013. p.191).

Um das obras que muito se destaca com essas características é *Luzia Homem* de Domingos Olímpio, a mesma apresenta as formas do realismo e em muitos capítulos encontramos também formas da corrente naturalista. Uma das características bem notórias nos romances naturalistas, principalmente, em relação aos personagens, é o fato de serem condicionados aos fatores naturais (comportamento, raça e clima) e a fatores sociais, como neste caso a seca como fator natural predominante, em específico a de 1877.

O foco narrativo do romance *Luzia Homem* está na terceira pessoa, é um narrador onisciente, contando com a objetividade de Olímpio, que cria toda a história narrada, inclusive os pensamentos e sentimentos dos personagens.

A literatura Realista levanta questões que são relevantes sobre o assunto, as protagonistas são porta-vozes dessa realidade. Citando Freitas (2007) quando fala sobre a obra *Luzia Homem* de Domingo Olímpio e sobre o contexto histórico-geográfico:

“Um exemplo disso é o *Luzia-homem*, de Domingos Olímpio. Neste romance de 1903, o autor conta a saga de uma jovem mulher sertaneja retirante que chega a uma cidade com mais recursos motivada a ganhar a vida trabalhando, buscando alternativas às mazelas causadas pela seca. A cidade que serve como cenário é Sobral, localizada hoje a 225 km da capital cearense, Fortaleza. A história contada pelo autor se passa no tempo de uma grande seca do final do século XIX, ocasião em que o governo instala as Comissões de Socorro para atenderem a uma grande demanda de migrantes que chegam à cidade.” (FREITAS, 2007, p.27).

Então, a obra *Luzia Homem*, servirá com base de ilustração para os questionamentos levantados desde a temática e a utilização do ponto de vistas dos teóricos mencionados na primeira parte.

## 2. ANÁLISE DA OBRA *LUZIA HOMEM*.

### 2.1. A OBRA.

A obra em destaque *Luzia Homem* de Domingos Olímpio (Domingos Olímpio Braga Cavalcanti. 1850-1906), é um romance Realista de cunho regionalista que conta a saga da personagem *Luzia Homem*, a obra se passa no final de 1878 na cidade de Sobral no interior do Ceará, a protagonista de *Luzia Homem* é Luzia, uma retirante que enfrenta a grande seca da região com sua extrema força física (pela qual ficou conhecida por Luzia Homem), essa bravura a fazia ser mais produtiva e trabalhar melhor do que os homens. Ela é o exemplo de comportamento fora desse padrão que o próprio nome dá indícios de suas atitudes contrárias ao comportamento daquele tempo, consideradas próprias do meio masculino.

Portanto, neste trabalho são analisadas as características do comportamento desta personagem e a forma com ela é vista pela sociedade do século XIX, a partir de fragmentos que possam ilustrar o comportamento feminino, dentro do seu contexto social nordestino.

Sua força física era o tipo de beleza que não a deixara passar despercebida entre os trabalhadores da obra da cadeia e das mulheres da cidade. Entretanto, sua personalidade feminina se afluava, mostrando sua personalidade forte, apesar dos infortúnios de sua vida sofrida que não a submergiam e nem a faziam decair moralmente.

Sob os músculos poderosos de Luzia-Homem estava a mulher tímida e frágil, afogada no sofrimento que não transbordava em pranto, e só irradiava, em chispas fulvas, nos grandes olhos de luminosa trevas. (OLÍMPIO, 1983, p.6).

Para Aragão (2008, p.36), o que mais chama a atenção nesta obra (*Luzia Homem*) é sua estética considerada híbrida, com traços de várias correntes estéticas. Mas, devido ao forte tema da seca, vários estudiosos consideram-na pertencente à apenas uma escola, a naturalista – regionalista, ficando registrada na maior parte dos manuais literários.

## 2.2. O PADRÃO DO COMPORTAMENTO FEMININO NO SÉCULO XIX.

Em se tratando da definição de comportamento feminino no século XIX, sobre o papel da mulher e a diferença entre os gêneros e como a mesma era considerada e o seu lugar na sociedade. Segundo Santos e Sacramento (2011, p.02) trazem uma definição sobre essa expectativa comportamental feminina: “O comportamento feminino no século XIX difere do masculino, pois estes possuem papéis distintos dentro da sociedade e da própria cultura. Sendo que o homem era chefe da família, fortalecido pela influencia dos dogmas da igreja, os quais afirmavam que as mulheres eram feitas somente para procriar, ser carinhosa e uma excelente dona de casa, muita prendada, sabendo cozinhar e costurar, saber comportar-se discretamente nas reuniões sociais e ser uma boa anfitriã”. Santos e Sacramento (2011, p.02).

Santos e Sacramento (2011, p.6), seguem afirmando que as mulheres viviam reclusas sob o poder de seus pais até o momento de passarem ao poder de seus maridos. Os pais combinavam as bodas dos filhos levando em consideração somente a condição financeira, elas eram apenas vistas como uma moeda de troca, sua opinião não era levada em conta.

Como podemos confirmar na obra *Luzia Homem* no capítulo XXI que a mulher nesse período era restrita ao lar. O autor coloca a maneira como as mulheres da cidade aproveitavam-se das ações religiosas para se arrumar e assim “exibir” seus trajes e sair de casa. Isso comprova a falta de autonomia da mulher em relação às próprias escolhas.

Não era a missa um pretexto para sair; mas, ao profundo sentimento religioso se aliava a casquilhice inocente de exibir os belos vestidos, as últimas fantasias da arte decorativa da mulher, importadas do Recife, uns trajes vaporosos de renda e cambraia, feitos com requintes convencidos de elegância, com raro gosto, pelas adoráveis criaturas que os vestiam. Nada havia de censurável em que as moças da cidade, metidas durante toda a semana em casa, ocupadas em trabalhos sedentários de renda e labirinto, se desforrassem desse retraimento nas festas religiosas, celebradas, sempre, com extraordinário esplendor [...] (OLÍMPIO, 1983, p.75).

No século XIX, período onde se passa a obra, havia a ideia latente de que o casamento era o único propósito na vida de uma mulher. Percebemos isso desde a fala

de Raulino, até os comentários da mãe de Luzia, existe essa grande preocupação com a protagonista, para que ela não fique sozinha após a morte de sua mãe.

- Se não levassem a mal eu ficaria morando com vocês... Sempre é bom ter homem em casa... (Fala de Raulino) Olímpio (1983, p.11).  
 — Como não fala!, se não me sai da cabeça o pensamento de morrer, deixando-te sozinha, sem encosto, sem proteção. (Fala de Josefa) (OLÍMPIO, 1983, p.71).

Santos e Sacramento (2011) comentam sobre essa perspectiva que havia sobre a mulher, seu lugar e seu papel na sociedade, principalmente como esposa para cuidar do lar e procriar, como mãe para educar os filhos e sendo a companheira para o marido. E como isso era visto no século XIX.

[...] A mulher passou a ser do homem, como forma dele perpetuar-se através da descendência. A função dela foi sendo restrita ao mundo doméstico, submissa ao seu marido e filhos. (SANTOS E SACRAMENTO, 2011, p.03).

Para o sociólogo Bourdieu, a mulher estava sob essa submissão sem ao menos ter a percepção de que estava dominada e silenciada sobre seus desejos, seus sonhos, seus planos e sua vida de um modo geral, era algo que o autor chama de violência simbólica. As palavras do sociólogo deixam bem claro que até a falta de conhecimento trás submissão.

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2012, p. 07-08).

Levando em conta essa dominação e tendo como exemplo este trabalho sob a perspectiva do século XIX. A protagonista da obra analisada mostra em suas atitudes a ausência dos padrões comportamentais das mulheres desse tempo.

### 2.3. LUZIA E A AUSÊNCIA DOS PADRÕES EM SEU COMPORTAMENTO.

Luzia, porém foge aos padrões desta época, por ter uma aparência bem viril. Ela era vista como alguém diferente, assim, era motivo de escárnio, isto é, de chacota, de gozação, principalmente por outras mulheres, que a descreviam como orgulhosa, seca e por ela sentiam um verdadeiro terror. Com isso, outros detalhes físicos dela também eram criticados. Não havendo assim, nenhuma simpatia nem qualquer respeito por partes das mulheres da cidade, a protagonista era considerada merecedora de alguma ou mais desgraças.

Muitas se afastavam dela, da orgulhosa e seca Luzia-Homem com secreto terror, e lhe faziam a furto figas e cruces. Mulher que tinha buço de rapaz, pernas e braços forrados de pelúcia crespa e entonos de força, com ares varonis, uma virago, avessa a homens, deveria ser um desses erros da natureza, marcados com o estigma dos desvios monstruosos do ventre maldito que os concebera. Desgraça que lhe acontecesse não seria lamentada; ninguém se apiedaria dela, que mais se diria um réprobo, abandonado, separado pela cerca de espinhos da ironia malquerente, em redor da qual girava o povilhéu feroz a lapidá-la com chacotas, dictérios e remoques. Tal se lhe figurava, através dos exageros pessimistas, a sua triste situação. (OLÍMPIO, 1983, p.6).

O autor revela na obra o que a própria personagem (Luzia) pensa a seu respeito, como se define e a sua justificativa em relação ao seu comportamento masculinizado e o que a levou a isso. Na falta de um irmão, sua necessidade de auxiliar no sustento familiar e sua parceria com o pai, tudo isso a fez assumir as responsabilidades consideradas de cunho masculino.

- Eu lhe digo, seu doutor. Desde menina fui acostumada a andar vestida de homem para poder ajudar meu pai no serviço. Pastorava o gado; cavava bebedores e cacimbas; vaquejava a cavalo com o defunto; fazia todo o serviço da fazenda, até o de foice e machado na derrubada dos roçados. Só deixei de usar camisa e ceroula e andar encoirada, quando já era moça demais, ali por obra dos dezoito anos. Muita gente me tomava por homem de verdade. Depois meu pai, coitadinho, que era forte como um touro, e matava um bode taludo com um murro no cabeloiro, morreu de moléstias, que apanhou na influência da ambição de melhorar de sorte, na cavação de ouro no riacho do Juré. Daí em diante, começamos a desandar. Minha mãe, sempre muito doente, e nós duas muito pobres de tudo, menos da graça de Deus, vendemos as miúças e cabeças de gado, que tiramos à sorte da produção da fazenda, os animais de campo e até o meu cavalo castanho-escuro, calçado dos quatro pés e com uma estrela na testa ... o meu querido Temporal... Tudo isso para não morrermos de fome quando veio esta seca... (Fala de Luzia) (OLÍMPIO, 1983, p.16).

A personagem Luzia não apenas era vista em sua forma física, em sua beleza, sua altivez, mas ao mesmo tempo, havia por de trás da capa que a revestia, que a fazia assim suportar as adversidades de seu cotidiano, a dura vida da seca, a escassez de alimento e a doença da mãe. Havia uma beleza encantadora que mostra sua sensibilidade e sua paciência nas situações adversas.

Em plena florescência de mocidade e saúde, a extraordinária mulher, que tanto impressionara o francês Paul, encobria os músculos de aço sob as formas esbeltas e graciosas das morenas moças do sertão. [...] Pouco expansiva, sempre em tímido recato, vivia só, afastada dos grupos de consortes de infortúnio, e quase não conversava com as companheiras de trabalho, cumprindo, com inalterável calma, a sua tarefa diária, que excedia à vulgar, para fazer jus a dobrada razão. (OLÍMPIO, 1983, p.2).

Sua independência tanto financeira porque era a provedora do lar, quando em suas escolhas de amizades, modo de viver, trabalhar e na vida amorosa, nos mostram como ela sendo mulher tinha seu comportamento social bem diferenciado do público feminino daquele século.

#### **2.4. REFLEXÃO SOBRE O COMPORTAMENTO SOCIAL DE LUZIA.**

Desde a ausência do provedor da família, Luzia assume esse papel, já habituada no trabalho árduo e desde menina estava sendo instruída pelo pai para que ela suprisse as necessidades da família, torna-se a provedora de seu lar, algo incomum para a época: [...] “A pobreza não me afronta, porque tenho forças para trabalhar e ainda não cansei de sofrer.” (Fala de Luzia) OLÍMPIO (1983, p.36). Na obra, é importante destacar como o próprio autor menciona Teresinha (amiga de Luzia) com sendo um de perfil doméstico em relação à suas atividades do lar, que apenas suportaria os trabalhos de casa, sua delicadeza e até sua frágil saúde, não a permitiam usar a força física para ao trabalho braçal como Luzia. Encontram-se descrições que se contrapõem ao perfil forte e viril de Luzia:

[...] Tomara a seu cargo os serviços da casa, menos os braçais, como rachar lenha e pilar café, porque era aberta dos peitos cuspiam sangue sempre que abusava dos seus delicados músculos. (OLÍMPIO, 1983, p.18).

Outro contraponto que se destaca em Luzia é o fato dela não ter casado nem ter filhos, o que era espera na vida das moças, ou melhor, o destino comum à todas as mulheres. Pois, segundo Santos e Sacramento (2011) nesta questão as mulheres nesse período, só tinham a fase da infância para aproveitar, porque “A adolescência era quase desconhecida para as mulheres que passavam da infância para a maternidade”.

Luzia diferentemente do que convinha à mulher no século XIX, escolheu seu parceiro, escolheu seu modo de viver, sendo que as outras mulheres não tinham essa autonomia, para decidirem seu próprio destino.

Sentindo Alexandre a seu lado, quando ele saiu do quarto, Luzia, arrancada de súbito à meditação, fez um gesto de susto. A atitude do moço era a de quem hesita em dizer alguma coisa, de abrir-lhe o coração, sufocado de ternura. [...] (OLÍMPIO, 1983, p.75).

Entre Alexandre e Luzia havia um grande sentimento amoroso, cheio de admiração e respeito, assim, de uma maneira bem singela ela foi pedida em casamento. Mais uma vez, sem seguir as convenções sociais daquele período, porque o mais comum era que o casamento fosse um negócio entre famílias.

-Mais fácil seria – continuou ele, irmos trabalhar na obra da ladeira. Já estou com uma casinha de olho: a que fica quase defronte da Cova da Onça. Daqui até lá levamos a tia Zefinha de um só fôlego... (Fala de Alexandre) (OLÍMPIO, 1983, p.11).

Ela era tida como uma guerreira, porque não se prostituiu, usou o corpo para o serviço grosseiro e assumiu as responsabilidades da casa e da mãe doente. As mulheres que se prostituíam, era desprezadas pela família e ficava a margem da sociedade, não eram vistas como uma mulher descente. A fala de Marcos, pai de Teresinha, expressa bem esse sentimento de ter uma filha que saiu da família sem ser casada.

- Eu não sou mau, dona – murmurou o velho, compungido.  
 – Os desgostos me puseram assim. Era feliz, na minha fazenda, uma situação bem boa, que não me dava cabedais, mas produzia com que viver sem ser pesado a ninguém. Entrou-me, um dia, de repente, a desgraça em casa e fugiu-me para sempre, o sossego. Vi... minha santa

mulher envergonhada; ela e a filha caçula a chorarem, escondidas pelos cantos para me não amargurarem. Eu mesmo, tão ralado na vida, parecia oco, sem alma, como se me houvessem roubado o coração. E saía atrás dele, à toa pelo mato, como um desmiolado, em procura da filha ingrata, que o levava. [...] (Fala de Marcos) (OLÍMPIO, 1983, p.82).

Em relação ao trabalho, a obra da cadeia foi o que levou não apenas Luzia, mas muitos retirantes à Sobral para fugirem da fome e da seca. Muitas famílias mudaram-se, deixando suas terras, suas casas e tudo que construíram para obter o sustento em outro lugar. Porém, a retirante Luzia acostumada apenas ao trabalho braçal, encontra nesta construção o refúgio para sua subsistência. Apesar de ser mulher, em contraste com o pensa a sociedade daquele período, ela começa a trabalhar na obra.

Um dia, visitando as obras da cadeia, escreveu ele, com assombro, no seu caderno de notas: 'Passou por mim uma mulher extraordinária, carregando uma parede na cabeça.' Era Luzia, conduzindo para a obra, arrumados sobre uma tábua, cinqüenta tijolos. (OLÍMPIO, 1983, p.2).

Para Bergamin (2010), Luzia enfrentou todos os contratempos e adversidades que a vida lhe apresentou, mas nunca perdeu a dignidade, sua moral, era cheia de valores éticos e pudor.

“Para Luzia a razão era dobrada, porque ela trabalhava por duas pessoas. Essa donzela guerreira em mesma proporção de força física possui também a sua moral, enorme e inabalável durante todo o romance. É Luzia, a protagonista, que enquanto heroína é plena de valores, conserva características de um ser primitivo e selvagem.” (BERGAMIN, 2010, p.59).

No último capítulo da obra, Luzia vai até as últimas consequências para defender-se, mostrando que tem firmeza e personalidade forte e assim, lutar até o fim para não manchar sua honra, como fazia desde o início, lutando por seus objetivos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses questionamentos que abordam sobre a mulher em sociedade, são assuntos de tamanha relevância e mostram como mesmo séculos depois ainda há necessidade de levantar essa discussão sobre a expectativa em relação ao comportamento da mulher. Atualmente vemos mulheres com grande atuação na sociedade, incluindo aspecto moral, afetivo, econômico e intelectual. Mas, para que chegássemos a esse patamar muitos tabus tiveram que ser quebrados, houve muitas lutas e a sociedade ainda precisa quebrar muitas barreiras para que a mulher saia desse paradigma e torne-se realmente dona de seus pensamentos, livres em suas ações e tendo direitos iguais. Levando em conta esses fatores, encontramos tantas outras problemáticas nesta obra como: a seca nordestina, a fome, a falta de emprego, a desigualdade social e a miséria de um modo geral e tendo assim, mais subsídios para outros trabalhos utilizando a obra *Luzia Homem* de Domingos Olímpio como base.

A literatura tem grande contribuição para a evolução da sociedade e sua contribuição vai muito além de entretenimento, serve também como meio de comunicação, causando um efeito de reflexão ou repúdio ao público. Segundo Candido (2006):

Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, o seu efeito. (CANDIDO, 2006, p. 31).

A utilização da literatura como base para discussões sobre temas polêmicos que são tabus no meio social e a necessidade de romper com essas delimitações sociais é algo que ocorre há muito tempo. Assim, é o que acrescenta Candido (2006):

“A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo.” (CANDIDO, 2006, p.84).

Assim, vemos que assuntos como esse ainda são difíceis de serem tratados porque mesmo estando no século XXI, ainda há uma grande necessidade de mudanças na sociedade brasileira com relação à igualdade de gênero, raça, sexualidade e muitos outros aspectos. Este trabalho não seria suficiente para abarcar todas essas situações de discriminação ainda existentes quanto à mulher no espaço social e outros temas encontrados na obra *Luzia Homem*. Mas, a literatura tem esse grande papel para servir de meio à reflexão sobre uma sociedade menos discriminatória e mais igualitária tanto para homens quanto para mulheres.

#### 4. BIBLIOGRAFIA

ARAGÃO, Carmélia Maria. *Luzia-Homem: Aspectos da crítica sobre uma obra*. Fortaleza- CE. Universidade Federal do Ceará (UFC), 2008.

BERGAMIN, Marta. 1974- *Luzia-Homem só lâmina: Uma leitura do romance de Domingos Olímpio (1903)*. Palhoça- SC, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. *A dominação masculina* / Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena 11ª ed, kühner. -11ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 9ª. Ed. Rio de Janeiro, ed. Ouro sobre Azul, 2006.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará/PROED, 1987.

FREITAS, Nilson Almino de. *A “Macho e Fêmea” e a Família: Luzia-Homem e o Sertão Cearense*. REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS. v. 38. n. 2, 2007. Pp.26-39.

MOISÉIS, MASSAUD. *A literatura portuguesa* / Massaud Moisés. – 37. ed., ver. E atual. – 1ª reimpr. São Paulo: Cultrix, 2013.

OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. Texto integral estabelecido por Afrânio Coutinho e Maria Filgueiras; 9.ed., São Paulo: Ática, 1983. (Série Bom Livro).

SANTOS, Ramaiane Costa. & SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. *O Antes, o Depois e as Principais Conquistas Femininas*. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 5 - Edição 1 – Set-Nov. de 2011.